

O HERALDO

Anúncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS: Semestre, 70 centavos (700 réis)
Número avulso, 2 centavos (20 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição
e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

DE

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

EXPEDIENTE

A's pessoas a quem enviamos este numero do *Heraldo*, pedimos a especial flicca de o volverem caso não desejem continuar a assina-lo.

Para evitar os inqualificaveis abusos, de que temos sido victimas e que muito nos tem prejudicado, prevenimos os nossos estimaveis assinantes e annunciantes de que deliberamos estabelecer o pagamento adeantado em todos os serviços do jornal, e de que, para regularidade administrativa, faremos cobrar, muito em breve, as respectivas importancias.

Toda a correspondência deve ser dirigida a Lyster Franco, Director e proprietario do *Heraldo*, Faro.

O HERALDO

Reaparece hoje o *Heraldo*.

Não vem, em rompantes agueridos, provocar quem quer que seja, nem pretende—esquecendo os imperiosos deveres que a todos os portugueses neste momento solemne se impõem—auxiliar essa perniciosa campanha de descredito, funesta em seus resultados e que, para mal de nós todos, tem presidido e continua a presidir a orientação de quasi toda a Imprensa, aflorante nestas lindas terras de Portugal, apóz o glorioso advento da Republica.

Não!

Entendemos que a tão apregoada fraternidade republicana tem sido, até hoje, para muitos, uma palavra ôca e falha de sentido e por isso, sempre coerentes, sempre dispostos a modificar e a aperfeiçoar a propria orientação, aqui nos apresentamos animados pelos melhores desejos de concorrer, tanto quanto em nossas forças caiba, para que se terminem, de uma vez para sempre, todas essas espaventosas e inúteis guerrilhas, que apenas servem para transformar os arraiais da Imprensa em genuínos consistorios de endemoninhadas regatões, cuja barganteria afugenta e cujo convívio aborrece.

Queremos, além disso, que a camaradagem jornalística nesta provincia deixe de ser um mito para efectivar-se em factos proveitosos e uteis; não unicamente para A ou B, não a qualquer grei, facção ou partido, mas a toda a familia republicana, a todos os Portuguezes, a todos Algarvios!

E pensamos que só assim um jornal, seja qual for o seu matiz politico, conseguirá impôr-se conceituosamente e conquistar a Opinião Publica.

Não esqueceremos tambem que a Imprensa, em sua totalidade, será, amanhã, uma das peças mais importantes e valiosas do processo para julgamento da actual geração e deligenciaremos não dar aos vindouros a idea, aliás deprimente e falsa, de que os jornais da nossa época, em vez de escritos e orientados por pessoas cultas e educadas, eram feitos por ferozes selvagens, impulsionados pela mais agra e bronca das bestialidades.

Estas palavras, que representam

fielmente o nosso pensamento, não significam, de forma alguma, a abdicção das nossas ideias e principios de sempre, nem a renúncia a combater por eles.

Nunca! Simplesmente, manteremos uma linha de conduta que nos permita manejar a pena como um florete tauriado e não como uma cochiila traçoceira e ignobil.

Mais: como apenas discutiremos principios e não homens, nem sequer nos ocuparemos dos que, por habito inveterado, queiram arrastar nos para o campo estéril das questinunculas pessoais.

Esses, quer sejam amigos ou adversarios, hão de encontrar sempre implacavelmente fechada a porta da nossa redacção.

A tal procedimento nos obrigam

a propria dignidade e o vinco salutar da educação que recebemos. Sendo tão grave a indisciplina que lavra entre a grande familia republicana, nós, que apenas ambicionamos a gradual evolução para a conquista do bem comum, não contribuiremos para que ela se aumente. Eis tudo.

Defendendo os principios democraticos, que,—desvanecidamente o afirmamos,—fomos dos primeiros a propagar nesta provincia, teremos sempre um grande jubilo em discuti-los e defende-los perante todos os adversarios que, pelos seus leais processos de combate e pelas suas nobres intenções, como tais possam e devam ser considerados.

E' com esta orientação que hoje

reaparece *O Herald*.

O seu numero 300, que é o primeiro da nova série, e em que o nosso modesto nome de impenitente plumitivo aparece com o pesado encargo de uma direcção exclusiva, é tambem uma especie de numero-programa, que facilmente permitirá aos nossos amigos, e tambem aos nossos adversarios politicos, apreciarem a nossa orientação e intenções.

Não nos cegam balofas vaidades, que nem essas lograriam edulcorar as agruras da tarefa a que nos impusemos. Assumindo a direcção do *Heraldo* visámos, apenas, a dois fitos, qual deles o mais respeitavel: valorisar honestamente o nosso dinheiro empregado no material tipografico e a concorrer, quanto

possível, para a eficaz confraternisação da familia republicana.

Deligenciaremos apresentar *O Herald* com uma acentuada orientação moderna; procuraremos dar-lhe um novo aspéto, fazendo um jornal leve, insinuante e agradável e, embora doutrinário, sem faciosismos nem exageros.

Tais as nossas intenções.

Lyster Franco.

CRÓNICA CIDADINA

BOATOS...

Decididamente não teem emenda os bonteiros, essa coorte vil de especuladores sempre pronta a lançar a inquietação e a incerteza entre as hostes laboriosas dos que trabalham.

Fabricam revoluções e golpes de estado por grosso e miúdo, gizam conspiratas e historiam assaltos com a mesma facilidade com que qualquer encalmado bebe copos de agua fresca!

Debalde o governo, inspirado nos seus bons desejos de bem servir o paiz, procura desmentir tais atoardas, aniquilar tais calunias, destruir tão imundos focos de mentira.

Apezar de todas as precauções, o boato, essa planta insidiosa, que tão facilmente germina nos cerebros esquentados e ambiciosos, aparece, circula, gira, corre a capital de extremo a extremo, extrava-se, alastra, difunde-se e, como ignobil nódoa gordurenta, acaba por alongar-se de norte a sul do paiz, levando a todos os lares a inquietação, o receio a todos os corações!

Quando virá uma rajada de bom senso por termo a tais dislates?

Quando terminará um tal estado de coisas, tão prejudicial a Patria e a Republica?

Fazemos votos para que seja breve.

A FEIRA DE FARO

As Feiras e os Mercados são por toda a parte a mesma coisa. Na sua essencia não passam de um simples ajuntamento de individuos, que se dividem em duas categorias: os que compram e os que vendem. Foi assim desde que se efectuou o primeiro Mercado sobre a terra e cremos que ha de ser assim até á consumação dos seculos.

E' justo, porém, acrescentar que a varinha mágica da Civilisação, atuando sobre todos os usos e costumes da misera Humanidade tem modificado, alterado e aperfeiçoado,—como não podia deixar de ser, graças ás fatalissimas leis desse ser invisivel chamado Progresso—tambem as feiras e assim, estas, que, *ab initio* nada mais eram do que um pretexto para a troca de obectos ou permuta de serviços, são hoje, além disso, um ponto de reunião onde vai esse monstro de cem milhares de cabeças, chamado *Toda a Gente*.

Vai, pois, toda a gente á feira. Uns por necessidade imposta pelos seus interesses, outros por simples passeio recreativo...

Desta vária concorrência resultam interessantissimos aspectos de um pitoresco sempre inédito e imprevisito, numa agradável confraternisação que encanta, que seduz e que nos atesta que cada vez nos vamos distanciando mais da idade da pedra.

Este ano a Feira de Faro foi concorridissima e efectuaram-se muitas transacções.

Esteve muito interessante a tradicional Feira.

Ora foi por todos estes motivos que nós, percorrendo a feira sob um sol voluptuosamente acariciador, tivemos o grato prazer de ir deliciando nossos olhos pecadores tanto na contemplação dos mais requintados tipos de beleza elegante e perfumada com essencias de *Trefle incarnat*, de *Floramye* ou de *Ylang-Ylang* ou de Colgate, como na visão nostalgica das humildes operarias, ainda olheirentas da ultima noite afadigosa, passada na fabri-

PRÓ ALGARVE

Congresso Regional Algarvio



Engenheiro Tomaz Cabrita
Lente da Universidade de Lisboa
e ilustre Presidente do Congresso
Algarvio



Jaime de Pádua Franco
Director-Secretario da Propaganda
de Portugal e um dos principais in-
iciadores do Congresso Regional
Algarvio

No intuito de completarmos tanto quanto possível o desenvolvido relato publicado pelos nossos presados colegas desta provincia e da capital, acerca dessa brilhantissima e vigorosa manifestação de vitalidade regional que foi o Congresso Algarvio, realizado em Setembro na formosissima Praia da Rocha, iniciamos hoje no *Heraldo*, a publicação da despretenciosa replica proferida pelo nosso director, Lyster Franco, na sessão do Congresso em que foram discutidas as teses sobre o ensino industrial elaboradas pelos srs. Aboim Inglez, Agostinho Lucio de Azevedo e D. Sebastião Pessanha.

Senhor Presidente,
Minhas senhoras,
e meus senhores:

Neste Congresso Regional Algarvio, desde que começaram a ser discutidas as teses sobre escolas industriais, ensino elemental industrial e ensino industrial, eu tenho lembrado, muito a propósito, para uso de nós todos, aquele proverbio árabe, que nos ensina que a palavra é de prata e o silencio é de ouro...

Entretanto tem sido tão demolidoras, tão espantosas e tão extraordinarias as doutrinas expandidas acerca das escolas industriais, a que esta provincia já tanto deve, que me pareceram indispensaveis as considerações que, contando antecipadamente com a benevolencia do illustre auditorio, peço licença para apresentar.

Faço o na qualidade de director da Escola Industrial e Commercial «Pedro Nunes», de Faro, por dever de officio que não por exhibicionismo e com tanto mais desassombro quanto é certo que conquistei o meu logar por concurso de provas publicas e sem o menor favor de compatriotas politicos.

Em primeiro logar, appareceu nos o illustre Congressista, sr. Aboim Inglez que, impressionado pela uniformidade de ensino que disse ter visto através dos trabalhos apresentados na Exposição promovida pelas benemeritas Associações Comerciaes e Industriais de Lisboa, elaborou uma tese, que eu me dispensei de discutir por ser um verdadeiro hino demolidor contra as escolas industriais.

Afirmou sua Ex.^a ter visto as mesmas fechaduras artisticas e as mesmas rendas de bilros feitas por todas as escolas. Quem me dá, sr. Presidente, que eu tivesse podido apresentar ao illustre Congressista fechaduras ou outras quaisquer ferragens tão primorosamente executadas como as que, sob a superior direcção do meu illustre colega Marquez Leitão, produz a Escola Industrial Marquez de Pombal, de Lisboa!

Quem me dá também, sr. Presidente, ter podido deliciar os olhos dos vis-
ca, na árdua mas honrada luta pela existencia...

O ANO LECTIVO

Abriam-se as aulas.

Já por todas essas ruas deslisam, envoltos no seu ar de catedráticos, imponentes e graves, os professores; já, a horas varias, toques de sineta alarmam a serenidade no ar e nossos olhos despreocupados se apercebem dos laboriosos e pittorescos formigueiros constituidos pela mocidade em flor, que, impelida pela ansia de saber, pelo desejo sempre crescente no homem, de aperfeiçoar-se, corre ás escolas a ouvir os sábios ensinamentos dos mestres.

Agora mesmo, ha pouco, ali, ao voltar da esquina, avistei um estudantinho, todo emburrado na sua capa negra, que o assemelhava a um pequenino besouro que

tantes da exposição dos trabalhos dos alunos da Escola que dirijo, mostrando-lhes coisa semelhante a esses primorosos labores, a essas preciosissimas rendas, que parecem pedaços de sonho materializado e que se devem ao incomparavel, ao prodigioso talento da minha illustre colega no professorado industrial, sr.^a D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro!

Não, sr. Presidente, não, minhas senhoras, não illustres congressistas, a uniformidade do ensino entrevista pelo sr. Aboim Inglez, longe de condenavel é, a meu ver, a prova evidente de que o professorado industrial, ao qual muito me honro de pertencer, tem sabido manter-se fiel aos programas pelos quaes lhe mandaram que ministrasse o ensino!

Depois, com o aplauso do illustre congressista, sr. dr. Marreiros, chegou a falar se, como regra de economia, no aproveitamento dos edificios das atuais escolas, para as outras, idealizadas pela bem intencionada fantasia do sr. Aboim Inglez.

E esta barbaridade incrível, disse se, sr. Presidente, a dois passos do local em que estão expostos os labores da Escola de Desenho Industrial «Vitorino Damasio» de Lagos, trabalhos que honram a provincia, trabalhos que, digo o sem receio de contestação, podem ser, sem favor, considerados primorosos em toda a parte!

Que incitamento poderá dar ás suas alunas o meu querido amigo e illustre colega Falcão Trigos, quando amanhã, em Lagos, for obrigado a dizer lhes que, em premio do aproveitamento que revelaram chegou a falar se em tirar se-lhes a sua Escola ou, pelo menos, em quebrar lhes o recato indispensavel com a promiscuidade de outras officinas que absolutamente lhes não interessam?

Custa-me falar de mim, dos trabalhos dos meus alunos que, num intuito civilizador e emulativo, anualmente venho espondendo; entretanto, senhores Congressistas, tenho a honra de pedir vos que visiteis a minha Escola antes que me seja passada a ordem de despejo solicitada pelos illustres congressistas a que me referi. Visitando a, agora que nela se encontra uma exposição retrospectiva, melhor ajuizareis dos seus progressos, da sua esfera de acção e da sua crescente influencia no meio já relativamente culto de Faro.

Depois, dar-me-eis o vosso parecer e se ele puder sinterisar se numa implacavel ordem de saída, considerados que sejam inuteis os meus esforços, a minha dedicação ao ensino e a de todos os meus colegas, restar-me-ha a consoladora lembrança de que, ainda no passado ano lectivo, sua Ex.^a o sr. Ministro da Instrução, sob proposta do então governador civil de Faro, sr. dr. Lino Gameiro, me concedeu a imerecida e distinta honra de felicitar oficialmente os meus alunos pelo

estivesse, executando prodigios de equilibrio.

Tinha um ar impressionante e ascético. Caminhava vagarosamente e lia, preocupado e reflexivo; um papel—sem duvida, o horario das suas aulas.

E, francamente, ao vê-lo, assim tão afeito, eu fiquei indeciso sobre os motivos da sua infantil preocupação.

Na verdade, nem sei que mais o interessaria: a hora das suas aulas de matemática ou a hora feliz, repousada e doce, do seu regresso ao lar, ao jantar da familia e ás golêdices da sobremesa!

L. F.

Dr. Afonso Costa

Consta que o sr. dr. Afonso Costa, regressa a Lisboa no dia 29 do corrente.

bom êxito da exposição dos seus trabalhos!

Vem depois o illustre Congressista sr. Anibal Lucio de Azevedo, a cujo trabalho honesto e consciencioso presto homenagem; lamentando, todavia que S. Ex.^a labore no mesmo erro em que claudicou o sr. Aboim Inglez, dizendo que ha no Algarve duas escolas com o aparente nome de industriais e onde se ensina somente o desenho.

Não é assim. Esta afirmativa dos illustres congressistas, que versaram nas suas teses o complexo problema do ensino industrial, prova-nos não somente que S. Ex.^a cedendo ao devaneio morbido, apañado da nossa raça, elaboraram as suas teses, allás apreciaveis, no romão dos seus gabinetes de trabalho e socorrendo-se apenas da sua imaginativa de meredidnaes.

Informações não as colheram; dados positivos não os buscaram, limitando-se a condenar a priori as escolas industriais como se fosse requintadamente mau tudo quanto elas produzem com a sua actual organização!

Certo é para agradecer se que, no meio do criminoso indiferentismo que nos avassala, tres valiosas mentalidades como Aboim Inglez, Lucio de Azevedo e Sebastião Pessanha, vsem occupar se do momentoso assunto de ensino industrial mas grande prejuizo foi, sr. Presidente, que esses illustres Congressistas não se lembrassem de nos ouvir, inquirindo as sim quaes as nossas aspirações e até in de já chega a nossa iniciativa pessoal e as modificações que sobre os programas temos proposto, os nossos relatorios annuaes etc, etc.

Aparece nos depois o sr. D. Sebastião Pessanha, afirmando que a Escola industrial de Faro tem um programa de ensino pratico incompletissimo.

Lamento que S. Ex.^a não se encontre presente porque desejava perguntar lhe como e porque motivo nasceu no eslarécido espirito, e S. Ex.^a uma tão erra da opinião.

Formaram no? Sonhou? Deu se a adinvinhar?

Não sei. Sinto, porém, que seria por qualquer destas formas. S. Ex.^a, que não tenho a subida honra de conhecer pessoalmente, nunca visitou a minha Escola nem jamais me pediu quaisquer informações acerca do seu funcionamento e orientação que são, aliás, os que me indicam o regulamento que lá procuro executar o melhor que posso e sei, orientando me também, quanto possível nas correntes modernistas e praticas, como posso provar a V. Ex.^a convidando os a visitarem a exposição retrospectiva da Escola Industrial e Commercial «Pedro Nunes» em Faro que propositadamente e a pedido de um dos dignos secretarios deste congresso, sr. Martins Moreno organizei, precedendo autorisação ministerial.



Jacinto da Cunha Pereira
Ilustre jornalista algarvio e Secretario do Congresso

IMPRENSA

O POVO

Entrou no 5.º anno da sua publicação este novo bem redigido e presado colega da capital, um dos mais prestimosos defensores dos principios democraticos. Felicitamo-lo muito cordalmente.

MALA DA EUROPA

Com o n.º 1.019, entrou no 22.º anno da sua publicação este nosso importante colega, de Lisboa superiormente dirigido pelo seu proprietario, e illustre jornalista, sr. José de Melo, que não se tem poupado a esforços para manter o seu jornal com o brilhantismo que o distingue e que o caracteriza como uma das mais belas publicações portuguezas.

As nossas saudações.

ALMA ALGARVIA

Reapparece no dia 1.º de Novembro, com uma nova e mais artistica orientação, passando a publicar-se quizenalmente a *Alma Algarvia*, conceituado periodico barlaventino, intelligentemente dirigido pelo nosso presado amigo e prestimoso corre-

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

NUPCIAS

Do teu solar que branqueja
Sobre um alto monte erguido,
Agora, com teu marido
Vens recolhendo da igreja.

Tem o prado que floreja
Um frémito indefinido;
Todo o povo reunido
Do veo a fimbria te beija.

E os choupos, os amieiros
Acompanham, mesreiros,
As saudações da ribeira.

Só as abelhas douradas
Choram, por ver desfolhadas
As flores da laranjeira!

SALASAR MOSCOSO.

INTANGIVEL

No vóo em que me elevo a procurar te
Mergulho no infinito, e até parece
Que um murmúrio de cantico e de prece
Me embala e vae comigo em toda a parte...

E toda a sombra má desaparece,
E toda a luz é para iluminar te,
A musica de Deus para cantar-te,
Por ti se enflora a terra e o sol, aquece...

Por ti, que enches o mundo e não te vejo,
Onda incorporea e habito disperso.
N'vem de sonho e fogo de desejo...

Por ti, que, diluida no Universo,
Es o dulcor que encontro em cada beijo,
A harmonia que busco em cada verso...

CÂNDIDO GUERREIRO

PROSA

De branco...

A uma Senhora gentil

Dá-me a tua alma, linda creança
D'olhar azul,
Faze que nasçam filhos d'esperança
Neste meu peito, negro paúl.

RODRIGO SOLANO.

Como estavas linda!

Marmore vivo, artisticamente animado pela suprema gentileza da tua graça divina, eu te saúdo!

Ao contemplar-te, ao demorar sobre o teu vulto gentil, meus olhos sequiosos, senti-me fascinado, e o meu espirito adejou, subtil como um perfume, pelas ignotas regiões da Quimera e, cheio de saudade, recordei essas horas de inefavel ventura, já do longinquo dominio do Passado, em que—Cavaleiro Andante do Amor, peregrino saudos do idealismo—eu só me preocupava de, em supplica, em prece, em synthese de ambicionadas aspi-

ligionato sr. Julio Quintana.

A correção e o desenvolvimento com que a *Alma Algarvia* advogou sempre os altos interesses da Republica, acaecam-lhe um belo exito na sua nova fase.

POR ESSE MUNDO

A cidade de Roma é, entre todas as cidades da Europa, a que mais vezes tem caído em poder do inimigo.

Foi tomada e retomada mais de quarenta vezes desde o anno de 390 antes de Jesus Christo.

O vagão mais antigo, que ainda presta valiosos serviços, conserva-se na estação Saint Rollix, perto de Glasgow.

Foi construída em 1818, e ainda está nova, fazendo ás vezes de habitação de um guarda-linhas.

Os lagos de Nurnega gelam-se ás vezes com tanta rapidez, que uma noite é sufficiente para que a crosta do gelo adquira a espessura necessaria para sobre ella poder passar um cavallo.

A Espanha é o unico paiz do mundo em cujas montanhas existem algumas em que figura o busto infantil; as cunhadas no anno de 1888, quando Afonso XIII era criança.

As autoridades de Pilsburgo obrigaram todos os individuos deumanta barba a cortá-la constantemente, porque, segundo os medicos, criam muitos microbios prejudiciaes, cujo mal é preciso combater.

Nu guarda-jolas da torre de Londres ha um livro encurvadado em ouro puro, desde a capa, que é preciosissima; ali aos finis dos se seque as tampas.

A brochura é sustida por dois rabis unidos a uma cadeia de quatro fuzis de ouro.

E' um engano dar torrões de assucar aos cães: Um cão não deve provar nunca um torrão de assucar seja como for.

A novela mais bem paga do mundo desde o primeiro romancista, foi a «Sapho», de Afonso Daudet, publicada em 1884, pelo que recebeu o celebre escriptor da casa editora a importancia de 4.250.000 francos.

Divisa de Portugal—In hoc signo vinces (Com este sinal vencerás).

Divisa da Gran Bretanha—Houmy soi qui mal y peisse (Maldito seja quem disto pensar mal). Dieu et mon droit (Deus e o meu direito).

Divisa da Hespanha—Nec plus ultra (Não mais além das montanhas d'Hercules). Un queseal altas Dominus milhi adjutor (Pedemos

rações; dirigir para ti meus olhares, nos quais só transparecia a intenção de admirar-te rendendo-te a homenagem inofensiva da minha adoração e do meu respeito!

Passaram tempos... O Destino sempre cruel, tentou privar a tua encantadora imagem da luminosa aureola de sonho com que o meu espirito se comprazia em ornamenta-la.

Passaram tempos,—longos dias de tristura e infortunio, em que a Saudade caía vou fundo no meu coração,—mas hoje, ao ver-te, toda de branco, marmore vivo, artisticamente animado pela suprema gentileza da tua divina graça—eu só conseguí formular, em meu espirito, estas exclamações de saudação e respeito:

Como estavas linda!!!

LYSTER FRANCO.

des a car, que a subir de a por do).

Divisa da França—Dieu protège la France. (Deus proteja a França).

Divisa da Austria—A. E. I. O. U. Austriae non est imperare orbis universo. (Aos austríacos pertence-lhes governar todo o universo).

Divisa da Bélgica—L'union fait la force. (A união faz a força).

Divisa da Bósnia—Gerecht und barmherzig (Direito e misericórdia).

F. Rodrigues Junior.

PELA REPÚBLICA

A Instrução Primaria no Circulo de Faro

No proprio dia em que, depois de lérias, regressámos a esta cidade, fomos procurados pelo nosso presado amigo e correligionario sr. Ambrosio da Silva, zeloso inspector Escolar no circulo de Faro e convicto republicano.

S. Ex.^a, ferido na sua grande modestia por um artigo que fora publicado no antigo *Heraldo*, n.º 399, de 11 de Setembro, e justamente magoado pelas suas consequências, vinha pedir nos a publicação do comunicado, que hoje inserimos e pelo qual se prova que o digno funcionario é absolutamente estranho ao escrito a que aludimos.

Imperiosos motivos alheios á nossa vontade obrigaram nos a demorar até hoje o reaparecimento do nosso *Heraldo*, e consequentemente a publicação que o nosso presado amigo nos solicitara.

Eis o comunicado:

Ex.^{ma} Sr. Redactor e meu presado correligionario.

Acabo de ler no n.º de 3 do corrente do *Algarve* um comunicado assinado pelo sr. professor Antonio Mateus com referencia a um artigo publicado no *Heraldo* de onze de Setembro; com que não dá tenho, e a que sou completamente alheio, como toda a gente que me conhece pode supor.

Não o pensou assim o sr. professor Mateus, que malevolamente pretende envolver-me numa questão a que sou estranho.

E' claro que não viria portanto a esta cada se não fosse beliscado por este professor, quando alude aos merecimentos do meu antecessor amigo e conterraneo Portela da Silva, a cujas qualidades presto homenagem.

Muito ingrato seria o sr. professor Mi-

teus e todos os demais professores se não se recordassem com saudade do seu superior!

Mas isto não lhe dá direito de me melindrar, de ser desprimoroso com o seu actual inspector, que se julga com autoridade moral e profissional para exigir-lhe a mesma correção com que sempre o tem tratado.

Que quer dizer aquela frase: *Ha muita gente que se julga competente e que não chega a ser um palido reflexo de Portela da Silva?*—Isto entende-se comigo? Se se entende, então dir-lhe-ei que não reconheço a um meu subordinado o direito de publicamente me desprestigiar e desrespeitar, o que representa um ato de indisciplina para que ha o devido correctivo.

O sr. Portela da Silva tem um feição, um temperamento, metodos de trabalho diferentes dos meus.

Eis tudo. Ora nem todos, feliz ou infelizmente, somos iguaes. Mas que alguém venha insinuar que eu não conheço os meus deveres, que o prove. Que seja um subordinado meu, não o admito, sr. redactor. Então onde chegaríamos nós?

Já não haveria chefes de qualquer serviço que se fizessem obedecer, lá porque não foi satisfeita a qualquer funcionario uma determinada pretensão.

Tenho estado em varios circulos. A imprensa local tem sido sempre dum género a que me cativeira, como p. s. so provar com jornais que con-ervo de politica diversa. Pos-uo dezenas de cartas de professores que lamentam a minha saída, dizendo o que lhes apraz acerca das condições em que as escolas estava e como eu as deixei. H, entre tantas que posso mostrar a quem quizer ver-las, duas que são típicas.

Uma do circulo de Serpa e outra do circulo de Tavira dizem que depois dos meus conselhos e direcção trabalharam mais vontade e começaram a fazer a tarefa que era ser professor. Ora eu não mudei. Isto poderá não ser uma manifestação de saudade, mas é com certeza uma manifestação de reconhecimento que vale para mim um diploma de honra.

No meu passado de funcionario publico também encontro provas de consideração que me envaidecer. Saiba o meu detractor que o illustre director geral de Instrução Publica dr. Abel Andrade, de quem fui secretario particular durante cinco anos me passou o seguinte ate-lal: «Atesto que F. Ambrosio Silva durante o tempo que serviu na Direcção Geral de Instrução Publica a meu cargo, revelou notaveis qualidades de intelligencia e de trabalho, e os primores dum belo character».

Desculpe V. Ex.ª ter de falar de mim, o que bastante me magoia, por se julgar modestia, mas a certa gente é preciso falar claro.

Teria ainda muito que dizer, mas isso só deve ser tratado no campo official onde tem cabimento.

O tempo se encarregará de me fazer a justiça a que tenho direito.

Faro, 8 de Outubro de 1915.

De V. Ex.ª M.º V.º Obr.º
F. Ambrosio Silva.
Inspector escolar

No intuito de bem esclarecermos o assunto e porque nele ha referencias ao *Heraldo*, tiramos crevemento do nosso illustre colega *O Mundo*, de 18 do corrente, o seguinte artigo cujo titulo é o que também nos serve de epigrafe:

Pretendiamos publicar no *Heraldo*, de Faro, um segundo artigo, em continuação daquelle que cessa a final escrevemos em 12 de setembro. Era um necessario fazer-lhe uma desculpavim e esclarecimo-lhe as intencões expandidas no primeiro, que, tendo sido escrito um pouco á pressa, deu a impressão de que pretendiamos envolver na nossa critica um tanto acré, mas justa, todo o professorado do circulo escolar de Faro.

Tendo, porém, o *Heraldo* suspenso a sua publicação sem que saibamos quanto durará o tempo da suspensão, resolvemos pedir um canto do *Mundo* para desfazermos equívocos, dissolvermos e centralizarmos: certo venham de alimnhas inferiores e esclarecermos alguns pontos que precisam de luz. No *Heraldo* de 12 de setembro diziamos que o professorado do circulo escolar de Faro, quando isto afirmamos, não queriamos dizer que todas as professoras procedessem por essa censuravel forma, mas que muitas havia dignas de censura, se não afastamos do serviço, por isso que o seu trabalho quasi se limitava a assinar o recibo do ordenado, não se lhes podendo agradecer em anos e anos a aprovação de um alimno em exame do 2.º grau. Infelizmente isto é verdadeiro. Entre outras escolas cujas professoras apresentam um trabalho igual a zero, citaremos as de Bolequeima, Aveizal, Santa Barbara, Vilvarino, Pexão e Conceição, o que num circulo pequeno como o de Faro, é muito. Quanto ao ensino ministrado em algumas das suas escolas, necessario se tornava que o inspector escolar fizesse acabar o abuso de religiosidades. Na de Paderne havia ainda ha pouco tempo um quadro religioso que era visto por quem passava na rua; assim como se sabia que as alunas usavam o catecismo e traziam ao

pescoco medalhões com santinhos. Algumas professoras particulares do concelho de Loulé, porque ministravam o ensino religioso, obrigaram o inspector a fazer queixa delas. Antes do actual inspector, o sr. Ambrosio da Silva, que é um zeloso e justo funcionario, estiveram no circulo, que nós sabemos, dois inspectores, mas, ou porque não lhes forneciam verba para fazer inspecções ou por outros motivos ponderosos, não puderam acabar com os abusos que o sr. Ambrosio da Silva foi encontrar em muitas escolas. Procurou dar-lhes o remedio, o que pareceu mal a muitos reaccionarios revestidos forçadamente de vermelho e verde, os quaes em certa imprensa despejaram contra um tão correcto funcionario, que também é credor dos seus odios por ser democrático, as suas setas envenenadas, só pelo facto de não se prestar a abrir excepções para certas professoras.

A nosso ver, taes mordeduras só bonram o zeloso funcionario; visto que está a ser alvejado por gente que esfregava as mãos de contentamento com a perseguição que Pimenta de Castro estava fazendo aos democraticos; os seus louvores só poderiam deshoar-lo. Foi por isso que no numero de 12 de setembro, dissemos a s. ex.ª que andasse «para a frente». E o mesmo repetimos agora: Para a frente! Nada de desanimar. Um homem que segue pelo caminho da justiça não deve ter desfalecimentos, de mais a mais quando ela é tão precisa para o levantamento moral e intelectual da Republica. Tem s. ex.ª muitos professores e professoras, mas também ha no seu circulo muito juizo que é preciso jeitar, embora desagrado as gentes das gazetas semi leitores e sem convicções politicas. Cantei com os reaccionarios é que é preciso. S. ex.ª deve lembrar-se de um facto muito conhecido, de um professor de Ohão que appareceu na festa da paixão em Faro, empunhando uma tocha e emvenenando com satisfação uma opia; e quando dois mezes depois, procuraram em Ohão festejar com um cortejo a queda da tiradura de Pimenta de Castro, esse professor brilhou pela ausencia, depois de se ter comprometido a comparecer. Se tem muitos professores, como o regente da Escola Central de Faro, José Maximiano Sousa, Pimenta da Cruz, Aguiar, D. D. Isabel, etc., também ha na terra da força do Antonio Martins, de Ohão, a Republica não quer gente desta. Precisa de convicções, um resurgimento da Patria pela instrução. E, conseguindo isto, a Republica Portuguesa dignificar-se ha. Se todos, porém, fusessem como Antonio Martins, o homem da tocha e da opia, a Republica da semana santa de 1913, em a Republica dentro de uma geração estaria irremediavelmente perdida. E bem que nos por aqui—G.

São verdadeiras todas as afirmativas contidas neste artigo? Foram, acaso, as suas considerações baseadas em informação conhecida directamente pelo articulista do *Mundo*, como ali, deve-nos presumir? Não sabem os. O que desde já se notifica é que os professores visados devem sair á estacada, a dizer de sua justiça, se julga-lhes assiste.

Pela nossa parte, alheios a um tão deploravel conflicto, que lamentamos por tratar-se de uma das mais prestimosas classes da sociedade, e que muito prezamos, desde já pomos as colunas do *Heraldo* á disposição do professorado, estabelecendo, apenas uma simpli condição, aliás naturalmente imposta pela categoria das pessoas a quem nos dirigimos: Virem os seus escritos em linguagem inergica, sim, mas nunca em termos incorrectos e improprios da feição que pretendemos imprimir a este jornal.

Entretanto, evidenciando-se, também, clara e terminante-nie quanto foram intempestivas e injustas as opiniões que atribuíram ao sr. Ambrosio da Silva a autoria do artigo publicado no *Heraldo*.

Como o artigo do *Mundo* está assinado, o que aliás também succedia com o do *Heraldo*, aspensamo nos de mais considerações sobre o assunto e para terminarmos que fica em nosso poder um comunicado dos srs. professores das Escolas Centrais desta cidade—intitulado *Desafronta* que não publicamos, não por menos consideração para com os seus signatarios mas tão sómente por já ter sido publicado em outros jornais.

E, como rectificação, apenas temos a dizer que no *Heraldo* n.º 299, de 11 do mez passado—não foi publicado nenhum artigo intitulado «Professores do circulo escolar de Faro» mas sim um que se intitula—«A Instrução Primaria no Circulo de Faro».

CRACIONEIRO DO POVO

A laranja quando nasce
Tambem nasce redundancia;
Tambem tu minha menina
Nasceste para seres minha.

Quem diz que o amar custa,
Decerto que nunca amou;
Eu amei e fui amada
Nunca o amar me custou.

Oliveirinha do adro,
Retiro dos passarinhos,
A quem deste teus abraços
Dá também os teus beijos.

OS NOSSOS VISITANTES

A casa de automoveis C. Santos, L. da de Lisboa

o o que sobre a sua
excelente marca
nos diz um seu
representante.

Tendo-nos chamado a atenção a passagem constante, pelas ruas da cidade, de um lindo carro «Maxwell» que, pela elegancia das suas linhas e pelo silencio do trabalho do motor tanto se impunha á nossa admiração, nesta curiosidade natural de todo o jornalista, não resistimos á tentação de procurar saber a quem o mesmo pertencia.

Não foi preciso muito para encontrarmos o nosso amigo Libanio Correia, que do melhor grado satisfiz a nossa curiosidade, dizendo-nos pe tencer tão magnifico «auto» á firma C. Santos, Ltd.ª estabelecida na Rua do Comercio, 33, em Lisboa, e em viagem de propaganda para a direcção d. sr. Xavier de Almeida, cavalheiro muito conhecido no meio automobilista do norte.

Dizendo-nos o nosso caro comprouviano,—que é mui distincto guarda-livros da firma C. Santos, Ltd.ª,—estar o sr. Xavier de Almeida hospedado no *Hotel Madalena*, desta cidade, a este nos dirigimos, onde encontramos S. Ex.ª no quarto n.º 7, onde nos recebe com todas as provas de franca gentileza que o caracterizam.

Já sei o que o traz—diz-nos o sr. Xavier de Almeida, depois de ver o nosso cartão—sempre o jornalismo em campo. O que posso dizer-lhe sobre o «Maxwell», vem a isso, não é verdade?

—Sem duvida...

—Ora, sobre a nossa marca de automoveis, posso dizer-lhe... nada e muito. Nada que não se tenha já dito de um carro que representa para o verdadeiro amante do automobilismo a última palavra, pela sua economia e pelo seu conforto, e muito, pela campanha desleal que da parte de alguns vendedores de automoveis temos recebido.

O «Maxwell» é. não oferece a menor duvida, o carro do futuro, já pe. seu

preço, já pela garantia, de dois anos, que oferecemos aos compradores.

—Dois anos?

—Sim, senhor. Dentro deste prazo nós substituímos gratuitamente todas as peças estragadas por defeito de construção e, o que é mais, temos sempre em stock todas as peças de *rechange* que de momento forem necessarias. Um simples postal, e na volta do correio nós enviamos a peça pedida...

—Mas como se decidiu a vir até ao Algarve?—interrogamos.

—E' simples: o desejo de ver uma das nossas mais lindas provincias, onde a boa hospitalidade é uma norma de vida; a intenção de conhecer, pelo menos de vista o antigo rincão das muralhas encantadas, a patria do grande poeta João de Deus, e mostrar aos algarvieses por factos, o que temos dito varias vezes,—que o «Maxwell» é o rei dos carros baratos. Não é um *Rolls Royce*, de 25.000 francos por chassis, mas é um carro bom e cheio de comodidade. Temos em Portugal 50 carros vendidos que são outros tantos atestados que orientaremos a quem no-los peça.

Se ha nesses 50 compradores um ou outro descontente, deixe-me dizer-lhe que não existe marca alguma onde não haja uma percentagem maior ou menor de não satisfeitos. Creio, meu amigo, ter-lhe dito tudo que se relacionava com o «Maxwell»; permita-me agora que lhe prove a veracidade das minhas afirmações, convidando-o a uma volta.

Acabei Dez minutos depois, atravessadas as principais ruas de Faro, pitorescas, e sobre este incomparavel sol algarvio, e galgada a estrada que nos leva a Ohão, com uma velocidade de 60 kilometros á hora, deslizando subtil, com um sussurro, pelas tortuosas ruas da populosa vila, um bonito e reluzente «auto» que concitava a curiosidade de toda a população.

Noticias de Instrução

Foram concedidos 30 dias de licença para tratamento, ao secretario geral do ministerio de instrução, sr. dr. João de Barros, que será substituído, durante o seu impedimento pelo sr. dr. Queiroz Veloso, o chefe de repartição mais antigo daquele ministerio.

Foi nomeado professor de ginastica do liceu de Faro, o sr. Francisco Gimenes.

Foi concedido um subsidio de 80 escudos para a manutenção do curso noturno muel para adultos ao Centro Liberal «Teixeira de Azevedo», de Tavira.

Em virtude de lei n.º 410 publicada no *Diário do Governo* n.º 181, 1.ª série, de 9 de setembro ultimo, ficou nomeado secretario da Inspeção do Circulo Escolar de Faro o sr. Honorario Santos, antigo e zeloso funcionario do referido estabelecimento de instrução e nosso muiro prezado amigo e dedicado colaborador.

Felicitemo-lo muito cordalmente.

Nos termos da nova lei, todos os professores e professoras que terminarem este ano o curso, tem de enviar ao ministerio da instrução, no prazo de 30 dias, a declaração de que desejam servir no ensino official, sem o que nenhum poderá ser provido em qualquer escola.

Nestas declarações será mencionada a idade, a classificação e a residencia de cada um.

Todos os professores já de ha tempo diplomados pelas escolas normaes, que não tenham cadeira, terão o prazo de 6 mezes para enviar ao ministerio da instrução a declaração a traz mencionada.

Foram extintos as 3 inspecções de circunscripção da Republica.

De futuro os concursos de qualquer escola ou lugar vago no nosso paiz são feitos perante os inspectores de circulo.

Foram creados os logares de professores secretarios das inspecções de circulo com a gratificação de 100 escudos.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, 24—D. Maria José Alves, D. Augusta Paula Grego Lopes, D. Eduarda Augusta do Lacerda, D. Emilia de Sousa Lopes, D. Domingas de Melo Martins, Maria da Conceição Fernandes Rodrigues, José Alves, Isidoro Pereira Leite, Adolfo Moura Soares, Jaime da Conceição Silvestre, José Maria Lopes, Joaquim Antonio Guerra, Francisco Augusto da Cruz e o menino Afonso Caspistano Malaguia Domingues.

Segunda-feira, 25—D. Alice Alves Sequeira, D. Maria de Cruz Doriado, O. Eliza do Castello Alves Batista, José Antonio Borges, Pedro de Sousa Miguéis e João Carlos Baradas.

Torca-feira, 26—D. Carolina Eduarda Brito, D. Clementina da Silva Taveira, D. Miquelina da Silva Pereira, D. Maria Caodida Brandão, Miguel Antonio Mendes, João Eduardo Ferreira e Antonio Francisco Rodrigues.

NOTICIARIO

Regressou a Faro, acompanhado da sua esposa e interessantes filhinhos, o sr. dr. Artur Agnodo, illustre director do *Algarve*, que passou a época balnear na sua aprazivel vivenda na Praia da Rocha.

—Tambem regressou a Faro, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo sr. João Mascarenhas.

—De visita a sua filha, mademoiselle Maria Lucilia Corpes Gomes, esteve em Faro, acompanhado de sua esposa e filho, o sr. João Inacio Gomes, abastado proprietario na Luz de Tavira.

—O segundo sargento de artilharia de costa, sr. Antonio Antunes Guerra, vai ser nomeado escriptorario da direcção dos caminhos de ferro do Sul e Sueste.

—Estive em Faro o sr. José Diniz, da Portimão.

—Acompañada de sua mãe e gentis filhas, esteve em Faro a sr.ª D. Laura Gomes Cbagas, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. Frederico Cbagas, digno official do registo civil, em Tavira.

—De regresso da Praia da Rocha, onde passaram a época balnear, já se encontraram nesta cidade o sr. Constantino Cuman, sua extremosa esposa e filhos.

—Está em Faro o agronomo, sr. José de Bivar.

—Estive nesta cidade o sr. Joaquim Margado, proprietario em Estil.

—Encontra-se em Lisboa, prestando privas para os logares de secretario de finanças de 3.ª classe e 3.ª officias das inspecções districtas, o sr. Antonio Maria Rebelo Neves.

—Em viagem de propaganda dos automoveis «Maxwell» da importante firma C. Santos, Ltd.ª de Lisboa, abraçamos em Faro no dia 21, os nossos amigos sr. Xavier de Almeida, A. de Libanio Correia e Carlos dos Reis, representante, guarda livros e chaufeur, respectivamente, da referida casa.

—A esperar os seus irmãos que de Angola regressam no «Ambaca», segue segunda-feira para Lisboa a sr.ª D. Maria Alexandrina Pires Chaves, tendo em companhia se alguns mezes na capital.

—Da distincta milicia portuense, chegaram Faro, na sexta-feira, os srs. dr. Carrasco Guerra e sua Ex.ª esposa, José T. rre do Vale e esposa, Henrique de Bivar, Swalbach, e as excelentissimas sr.ªs D. Maria Izabel Balzel e D. Filipa de Villena Torre do Vale.

—Regressou a Ohão, vindo de Santos, Brazil, para onde partiu em 1913, o sr. Raul Pinheiro Raimos.

—Os srs. Carlos Rodrigues Mil-Homens e Joaquim Marques Cruz, de Tavira, constituiram uma sociedade sob a firma Cruz & Mil-Homens para a montagem de uma fabrica de peixe, na praia cidade, a que deram o nome de *Fabrica de conservas de peixe Glão*.

—Do Aljezur partiu para Bragança o sr. Armando da Silva Duarte, ha pouco nomeado praticante de finanças, naquelle cidade.

—Estive nesta cidade o sr. Verissimo José Gomes, de Tavira, acompanhavam-no sua esposa e filha.

—Com sua esposa, vimos em Faro o sr. dr. Joaquim Henrique da Cruz Gomes, digno conservador do registo predial em Ohão e muiro de leito amigo.

—Estive em Faro a sr.ª D. Umbelina Paralta, acompanhava-a seu filh. José.

—Vimos recentemente de esta cidade e algumas outras localidades, desta provincia chegando excelentes impressões do sr. Silva Graça, sub-director e proprietario do *Seculo*. Acompanha-a a sua esposa.

—Vimos em Faro, acompanhado da sua esposa e de sua mãe, o sr. José Madeira Nogueira Teixeira, farmacutico na Luz de Tavira.

—Atim de frequentar a escola de sargentos, e ampara-se nesta cidade o sr. Martins Martins Murem, esclarecido director da revista de propaganda do *Algarve*, *Alma Nova*, e muiro estimavel amigo.

—Para identico fim também já se encontra em Faro o sr. Martins Rico e Julio Gil.

—Com sua esposa e filhos partiu para Tavira, onde vai fixar residencia o sr. Francisco Peres.

—Fixou residencia em Faro a familia do nosso illustre amigo sr. dr. José Ribeiro Castanhu, digno juiz da comarca de Montebique.

Vimos em Faro os srs. M.ªs. Mariado Asencião e José Francisco Soares, de Loulé.

—Estiveram em Faro, por ocasião da fira, os sr.ªs D. Leopadia do Carmo Mendes e D. Vicencia de Sousa Viegas e os srs. João de Sousa Ruza, Bernardo de Sousa Milreu, Firmino de Sousa Carrasca, José Ferrazreira, José de Mendonça Gaziba, Joaquim Neto e Augustu Forja, José Maria Pereira, sargento Francisco Pereira Feijão, Manuel Balanco, Luiz Plouso, José Carlos Vicente, José de Brito Melo, Augustu Forja Junior e Francisco Aleixo, de Estoi.

Registo Civil

Registos de nascimento, casamentos e obitos, realizados na conservatoria do Registo Civil de Faro, de 5 a 21 de Outubro do corrente ano:

Nascimentos.....42
Casamentos.....3
Obitos.....23

Nota da Redacção

Afim de concluirmos o nosso jornal á hora do correio, fomos obrigados a descurar um tanto a revisão, de que pedimos desculpa aos nossos prezados leitores.

